

NÓIS DE TEATRO APRESENTA

# AINDA VIVAS



Foto: Caroline Sousa

# AINDA VIVAS

## TRÊS PEÇAS DO NÓIS DE TEATRO

Conta-se que a melhor forma de travar conhecimento sobre uma cidade é saber como se ama, como se trabalha e como se morre. A partir desse argumento, o Nós de Teatro reúne no espetáculo "Ainda Vivas" três peças que ligam Mulheres, Negrxs e LGBTQ+ numa sucessão de jogos sobre amor, trabalho e morte. Numa cidade sonâmbula, pessimista e sem utopia aparente, "Amok", "Burnout" e "Anamnese" se perguntam se ainda é possível um projeto político emancipatório para nossas vidas. Ao fundar um espaço em praça pública, o espetáculo convoca as pessoas para adentrar no universo de três nós enlaçados de nosso tempo. Nas entre-peças, o microfone estará aberto para as manifestações do público, poetas e artistas da cidade: é aqui o palco para a poesia falar. "Ainda vivas" é, antes de tudo, um espetáculo sobre não morrer.

# PEÇA Nº1 AMOK

As estratégias de poder seguem disseminadas em nossa subjetividade, em nossa forma de olhar o futuro, em nossa maneira de amar. Existe algo realmente leve na Esperança? "Amok" nos lembra do Amor Romântico, da noção de felicidade encontrada no par, a relação amorosa como um remédio entorpecedor para os corações. Em Amok, o amor e o romance entre duas pessoas se apresentam como luz em momentos de noites insones. É o amor e suas facetas que agem como o Sol na terra dos Homens.



Foto: Caroline Sousa



Foto: Caroline Sousa

# PEÇA Nº2 BURN OUT

Vivemos o tempo do ultra desempenho, da ultra performance, da teologia do mérito e da prosperidade. É necessário uma rapidez fitness para não perder o start de um resultado. Patrões de si mesmos, indivíduos entregues à sua própria exploração. Somos homens livres? Acabou toda a escravidão? Para os corpos pretos parece que o peso que se carrega vem preenchido de uma perversidade singular. Vocês realmente entendem o que estamos dizendo? O privilégio do erro só poucos possuem. Ainda estamos vivas?



Foto: Caroline Sousa







# PEÇA Nº3 ANAMNESE

É necessário conhecer “a peste” para poder controlá-la. E o poder segue criando suas estratégias de controle e dominação, ajustando-se aqui, adaptando-se ali para, como ratos na madrugada, adentrar à nossa casa para saquear nosso alimento, nossa potência.

Nossa memória está refém dessas transformações: esquecemos facilmente nossa história em favor de um ideal de progresso.

“Anamnese” nos lembra do corpo-festa, do corpo que desestabiliza a moral branca-heterocis-normativa que se instalou como moradia segura na nossa sociedade. De Stonewall à Divine, onde houver um ajuntamento periférico, haverá um grito que reverbera:

Ainda vivas!



Peca Nº 3



# PERIFERIAS HUMANAS

Há periferias em nós. Nosso corpo periférico não é só resíduo do mapa excludente da grande cidade, é também carne crua enlaçada que pulsa na contramão da servidão. Nosso corpo não é só a mira de um alvo certo lançado para nossa existência, é diferença que tensiona a repetição embrutecida de um mundo do igual. É corpo-mulher, é corpo-negra, é corpo-sapatão, é corpo-bicha, é corpo-invenção. Periferias humanas, hã de dizer. Mas quando foi que eles reconheceram nossa humanidade? Somos sangue, suor e lágrima. Somos trabalho, somos desejo, somos amor. O que nos liga? Haverá algo de comum entre nós?

Hoje, agora, demarcamos a urgência de um retorno ao coletivo, à potência ordinária do encontro, à malícia perigosa do afetar-se. Não para uma interseccionalidade apressada, ávida por desajustar os caminhos tão sofridos que traçamos no empoderamento. Percebemos que não adianta discutir feminismo, racismo e lgbtfobia sem colocar em pauta a questão de classe. É de um corpo-lugar-periférico que gritamos! Interessa-nos, então, enquanto negrxs, mulheres e lgbts, pensar em alguma possibilidade de ação coletiva sem perder de vista a nossa diferença. Diferença! Se **“eles combinaram de nos matar, a gente combinamos de não morrer”**, nos lembra Conceição Evaristo. Por isso a urgência de fabularmos um outro corpo, uma outra terra onde seja possível estarmos vivas, juntas.

E aqui se instala o espaço, o lugar, o território disponível para tensionar nossa existência, nosso corpo, na busca ainda que utópica, porém desafiadora, de um ideal de autonomia e emancipação. E é necessário tempo. É necessário espera. É necessário pausa. Contra o relógio acelerado do lucro, contra a ansiedade desesperada do poder, instala-se aqui a lógica do encontro, o tempo da poesia, o tempo de todo corpo periférico. Num tempo ultra acelerado pelo individualismo, pela mais valia de um ideal empresarial de si, reivindicamos o tempo do estar juntos, o tempo da diferença, o tempo dos nós impossíveis de desatar. Contra a paz dos adormecidos, interessa exatamente a controvérsia, a contradição, o conflito gerado pela sinuosidade dos lugares de fala, pelas minúcias perigosas do privilégio, para que possamos fabular outros lugares de representatividade. É todo corpo que podemos representar? Como nos lembra Maria Micinete: **“Qual o teu lugar de fala? Qual o teu lugar de cala?”** Nos fala. Ainda estamos aqui: vivas.



# NÓIS DE TEATRO

O Nós de Teatro é um grupo composto por artistas negrxs, mulheres e lgbs que atuam desde 2002 na periferia de Fortaleza. Nesses 17 anos, o grupo resiste em sua comunidade desenvolvendo projetos culturais no Território de Paz do Grande Bom Jardim, tornando-se uma das referências nacionais de trabalho artístico desenvolvido em periferia. Carregando ampla experiência estética da militância social de um olhar poético que se lança a partir da periferia, o grupo vai tecendo sua singularidade de ação cultural no estado a partir de uma discussão continuada sobre cidade. A pesquisa estética do grupo tem como matriz a poética democrática dos espaços públicos como lugar de encenação e descobertas. As vertentes do Teatro Épico Dialético e suas interfaces com a performance do ator de rua contemporâneo tem sido o mote para a nossa construção poética, refletida no nosso atual repertório de espetáculos: "Todo Camburão Tem Um Pouco de Navio Negroiro", "Despejadas" e "Ainda Vivas".









A entrada da Mãe Terra, a mãe África. Uma mulher trans, negra, de 85 anos nos narra a sua saga de fuga do interior, onde está sendo perseguida e estão matando sua terra. Ela, como corpo, ainda não existente nesse país, é uma idealização representada numa boneca: ainda Viva! Ela nos fala sobre vida, sobre cansaço, sobre o projeto de adoecimento desse tempo em que vivemos. Ao mesmo tempo, ela é o acalanto, o abraço apertado que muitos de nós não tivemos. Ela é o próprio Baobá florescendo.





Foto: Renatinha Moreira

A woman with dark hair is playing a dark-colored accordion on a stage. She is looking upwards and to the left. The background is dark with some stage lights. The text is overlaid on the left side of the image.

**Direção Geral** – Altemar Di Monteiro | **Dramaturgia** – Altemar Di Monteiro e Pedro Bomba | **Elenco** – Nayana Santos, Doroteia Ferreira, Henrique Gonzaga, Renato Hirco, Amanda Freire, Gabriel Moraes e Edna Freire | **Percussão** – Bruno Sodré | **Contraregragem** – Kelly Enne Saldanha | **Voz em off** – Stéfany Mendes | **Assistência de Direção** – Henrique Gonzaga | **Preparação Vocal e Canções Originais** – Tatá Santana | **Assistente de Preparação Vocal e Instrumento** – Gabriel Moraes | **Coreografias** – Gabriel Moraes e Doroteia Ferreira | **Figurinista** – Ruth Aragão | **Costureiras** - Antônia Araújo, Ayla Buriti, Francisca Bento e Quina | **Assistente de Figurino** - Rochelle Nunes | **Colaboração especial Figurino** - Dami Cruz e Jô de Paula | **Cenários** – Bruno Sodré | **Marceneiro** - Seu Renato | **Pintura Cenários** - Ksim | **Cenotécnico, Técnico de Som e Luz** – Bruno Sodré | **Adereços** – Altemar Di Monteiro e Nayana Santos | **Projeto Gráfico** – Altemar Di Monteiro | **Maquiagem** – Edna Freire | **Bonequeiros** – Cláudio Magalhães e Carlos César | **Assessoria de Imprensa** – Ari Areia | **Fotografia** – Bruno Sodré e Renata Moreira | **Produção** – Nós de Teatro

# AINDA VIVAS

 @NOISDETEATRO  /NOISDETEATRO  (85) 987468512  GRUPONNOIS@YAHOO.COM.BR

